

A política que se vê (e não se vê) na TV

DORIEL

O rei dos atentados ao vernáculo

Muitos telespectadores do Horário Gratuito do TRE reclamam dos erros cometidos pelos candidatos, lamentando a "alta incidência de barbarismos e (dis)cordâncias verbais e nominais, num espaço de 60 minutos".

Os que não suportam atentados ao vernáculo são enfáticos: há pessoas que pretendem chegar à Constituinte, mas não sabem nem se expressar. O exemplo mais lembrado por este time de defensores da "última flor do Lácio" é o do empresário Antônio Venâncio, candidato a senador pelo PFL. "Ele é semi-analfabeto". Quem continua com esta ideia, não está prestando muita atenção nas aparições do "senador dos cidadãos". Bem assessorado, ele percebeu que televisão é imagem e deixou o verbo de lado. Não fala mais, só passeia no meio do povo, dando abraços em eleitores, com seu jeitão rude. Fica calado ou cede o espaço a seu jovem filho, Venancinho, para que fale do futuro do Brasil e do pai que aposta na juventude.

Hoje, na TV, com o silêncio retórico de Venâncio, o "rei dos atentados ao vernáculo" é Doriel de Oliveira, o pastor da Casa da Bênção. Na última segunda-feira, às oito da noite, o candidato pefelistas fez ribombar entre as paredes de seu templo uma coleção de erros capaz de ferir até ouvidos de surdos. Em tom de quem ameaça crenças com o fogo do inferno, Doriel esbravejava, em gestos largos: "Deus, neste tempo, permitiu que milhares de pessoas se libertasse. Pessoas que % era viciado, pessoas que antes era louco, um irmão que era demente, através da mensagem da oração. Ajudando as Casas e votando em Doriel de Oliveira, este trabalho missionário continuará. O número da vitória é 2599".

Há quem defenda Doriel, lembrando que ele não é um intelectual e, por isso, não tem obrigação de se expressar dentro das regras gramaticais do bem falar. Para estes, o mais absurdo é ver candidatos que se dizem advogados ou professores "comendo" todas as marcas de plural. Neste caso, a lista de "infratores" é grande. Cita-la, seria até cansativo.

Um mês após o início do horário gratuito de propaganda eleitoral no rádio e na televisão, os partidos não entraram ainda no pique do veículo, com raras e honrosas exceções. A maioria não está sabendo explorar a força e as potencialidades desse veículo. Há 40 anos, Orson Wells provocou pânico nos Estados Unidos, simulando no rádio a invasão do

planeta por Marcianos. Em 86, já na era da informática, muitos candidatos não conseguem sequer manter acordado o pobre eleitor que foi privado do prazer da sua novela das 20h30min. Mas não é só isso não. Há candidatos que maltratam o vernáculo, outros que não conseguem utilizar do teleprompter e muitos, muitos mesmo, que não têm

o que dizer. Um minuto no horário nobre na televisão custa uma fortuna que é jogada fora todo dia por falta de planejamento, de técnica e ainda de conteúdo. Analfabetos, semi ou quase alfabetizados se confundem em uma hora de realidade. Sim, porque a política que se vê na TV é a mesma que se vê nos palanques. Infelizmente



TELEPRONTO